

A modernidade de Belo Monte e a aldeia indígena de Muratu

Por admin · 04/02/2016

Antes pescadores e agora forçosamente agricultores, indígenas juruna receberam casa novas, energia e galinheiros. As compensações pela construção da usina, no entanto, tem um alto preço

bel juruna 2

Bel Juruna diante de roça de abóbora que separa a aldeia Muratu do Xingu

Por Verena Glass, texto e fotos

“Antigamente a gente tinha vida. Hoje temos agenda”, sentencia Leiliane Juruna, a Bel, vice-liderança da aldeia juruna Muratu, na Terra Indígena Paquicamba, localizada na Volta Grande do rio Xingu, no Pará. Em sua nova casa de madeira – idêntica a outras 15, construídas pelo Consórcio Norte Energia como parte do Componente Indígena do Projeto Básico Ambiental (PBA-CI) da hidrelétrica de Belo Monte -, Bel faz artesanato em frente à televisão, mas dá uma parada para conversar.

Tudo – a agenda, a casa, a televisão, e mesmo o artesanato – faz parte do que hoje substituiu o “antigamente” na vida dos indígenas afetados e parcialmente compensados com um choque de modernidade pelas obras da grande hidrelétrica no rio Xingu. Recapitulando os últimos anos da aldeia, Bel relembra que a primeira mudança na vida dos juruna de Muratu se deu com o início do (in)tenso processo

de negociação com a Norte Energia, responsável pela construção da usina, e órgãos do governo em torno das condicionantes de Belo Monte: a *vida* passou a ser engolida por uma interminável sequência de reuniões, que os arrancou de seus afazeres cotidianos. “Tinha compromisso e reunião todo dia, toda hora. Não havia mais tempo de pescar, de viver. A gente começou a ter mais dinheiro (antes da aprovação do PBA indígena, a Norte Energia repassou mensalmente recursos no valor de R\$ 30 mil para cada aldeia impactada pela usina), e isso mudou a nossa alimentação. Sem tempo de produzir – a nossa alimentação era basicamente peixe e farinha –, começamos a comprar tudo no mercado. É tanta reunião que eu não tinha tempo de fazer almoço, então meus filhos começaram a comer miojo porque era a única coisa que sabiam fazer sozinhos”, conta Bel. De imediato, acrescenta, o impacto mais preocupante da mudança no hábito alimentar dos indígenas é o colesterol, que foi para a estratosfera.

Casas muratu

Norte energia construiu 16 casas novas para os juruna

Sobre a casa nova, Bel não tem reclamações. O único problema é que não há banheiro, assunto que segue na “agenda” porque as fossas vazam os dejetos para o Xingu, que margeia a aldeia, em função do acúmulo de água no solo. Por hora, a “precisão” tem como solução o mato. Mas o problema maior na casa é mesmo a conta de luz.

Demanda antiga dos indígenas, a energia chegou à Muratu em setembro de 2015. Antes, os juruna eram abastecidos por geradores pagos pela Norte Energia, portanto não havia gastos; mas agora o que era sonho se tornou um pesadelo. Além de cair constantemente porque a fiação passa à margem da floresta e “qualquer galho que cai arrebenta as estruturas”, a energia trouxe consigo o “talão”. “Eu mesma tenho uma dívida acumulada de R\$ 330 das contas dos

últimos quatro meses, e já avisaram que vão cortar a minha luz. Mas isso não é nada comparado aos talões da minha cunhada e da prima, que em um único mês vieram com cobrança de R\$ 300 e R\$ 550. Eles chegam na nossa terra, fazem uma usina e agora temos que pagar!”, se indigna Bel. O assunto também está na “agenda”.

Do rio para a terra

A mudança mais drástica na vida de Bel, no entanto, foi a anulação de sua identidade ancestral e a imposição de uma nova, quando de pescadora se transmutou, por obrigação, em agricultora. Pondo de lado as contas que está transformando em colar, ela mostra as pequenas mãos morenas. “Era assim: meu avô, meu pai, a gente vivia no rio o dia todo, pescando o acari (pequeno peixe ornamental endêmico do Xingu). Agora não tem mais nada disso. Não tem mais peixe. A gente saía por dias, de barco, acampava nas ilhas, mergulhava, era uma alegria. Os comerciantes vinham aqui buscar os acaris, traziam a mercadoria da cidade que a gente precisava, e a gente pescava também o peixe pra comer. Agora, depois de muita reunião, a gente negociou com a Norte Energia um projeto de criação de galinha. Cada um de nós ganhou um galinheiro com 50 aves, e eles dão vacina e ração. Acho que é pra produzir ovo. Mas que dinheiro dá vender ovo? E essas galinhas são estranhas, porque quando uma bota um ovo as outras todas correm lá e o devoram. E nos deram sementes de milho pra gente fazer roça, porque depois de colher não vão mais dar a ração. Tiraram a gente da água e jogaram na roça. Eu não sei fazer isso, minha mão dói, é quente. A gente está plantando milho, mandioca, abacaxi, melancia, mas a gente não está acostumado”.

_MG_9916

Galinhas doadas pela Norte Energia são “canibais” e comem os ovos, reclamam indígenas

Além do calor, do sem-jeito de trabalhar na enxada, da saudade dos mergulhos, há uma outra novidade que é ainda mais dolorida e assustadora: a infestação crescente de mosquitos. Na beira do rio, Bel mostra as margens empedradas onde, nessa época do ano, o inverno amazônida, tempo das grandes chuvas, a água já devia ter coberto mais de 10 metros das barrancas agora secas do Xingu. Com o término do canal de derivação de Belo Monte, que desvia as águas do rio para as turbinas da usina, a previsão de que 100 km da Volta Grande do Xingu iriam secar está se concretizando.

É nas pedras descobertas e na água empoçada que, segundo Bel, os insetos proliferam. “Agora a pouco passamos uma semana sem ir na roça por causa dos carapanãs. Era impossível ficar lá fora, o ataque era insuportável. Mesmo de dia as crianças tiveram que ficar debaixo de mosquiteiro, dentro de casa. Até os colonos, que moram longe do rio e nunca tiveram problemas, agora não aguentam com as mordidas do carapanã. Tem até um caso, em outra aldeia, onde parece que um bebê morreu intoxicado de tanto veneno que usaram dentro de casa”.

O ataque dos insetos tem sido tão intenso que Bel, sem saber que confirma uma sombria previsão do Ministério Público Federal, sentencia: “se continuar assim, vamos ter que abandonar esta nossa terra”. Para reforçar, aponta para o local onde a Norte Energia está construindo a escolinha e o posto de saúde da aldeia. “Acho bom, mas fico pensando que de que adianta construir escola e posto de saúde, gastar esse dinheiro, se a gente não vai conseguir ficar aqui”.

Por hora, outra tristeza para os indígenas é terem que se desfazer das voadeiras (barcos a motor) que receberam a título de compensação da Norte Energia. Como previsto, a agora constante emersão das pedras dificulta a navegação do rio, e, segundo Bel, os jurunas estão tendo que recorrer às canoas a remo.

Barragem de Belo Monte seca Volta Grande e favorece proliferação de mosquitos

As perdas

Sentada sobre uma pedra que já devia estar coberta pelo rio, Bel vai entristecendo. Mostra uma faixa de árvores na margem do rio que, em seu ciclo de vida, dependem das cheias do Xingu para sobreviver, frutificar e, com seus frutos, alimentar os peixes do rio. Sem a água, explica, toda essa vegetação do Xingu vai morrer. E os peixes? Sim, claro. Conta que muitos deles também estão sendo atacados por uma doença que os fazem apodrecer vivos. Você toca neles e o rabo cai, podre, explica. “Mas a gente também tá pegando fungo. Vai banhar no rio e começam a aparecer manchas na nossa pele”.

aa peixe xingu

Peixe resgatado por pescador no Xingu ainda vivo apresentava podridão em partes do corpo

Já no mato, o susto foi com as castanheiras que, por três anos, deixaram de produzir. “Acho que é por causa das abelhas que fazem a polinização, que sofreram muito com a luz constante dos canteiros de Belo Monte. Três anos não deu nada, só agora voltou a dar um pouquinho”, Bel tenta explicar.

De agenda em agenda, da casa nova ao galinheiro, do galinheiro para a roça, da roça para a televisão: a modernidade tomou conta e deu novos contornos à vida na aldeia dos índios juruna de Muratu. Ao elogio a seu colar de contas, Bel sorri e explica: “estou fazendo para ter um estoque, porque todo ano o ISA (Instituto Socioambiental) promove as “canoadas” no Xingu com bastante turistas. Eles gostam de comprar o artesanato”. A noite vai caindo, a lua cheia se avoluma e as televisões nas casas novas continuam seu resmungo monótono e ininterrupto. Na aldeia, não se vê viva alma.

Documento gerado automaticamente a partir de: <https://rosalux.org.br/a-modernidade-de-belo-monte-e-a-aldeia-indigena-de-muratu/>